



# O TRATO COM O CONTEÚDO LUTAS NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA E DA LEI 11.645/08

Oswaldo Galdino dos Santos Júnior<sup>1</sup>

Joselene Ferreira Mota<sup>2</sup>

Eduardo dos Santos Pereira<sup>3</sup>

Jackson dos Santos Dias<sup>4</sup>

**Resumo:** O estudo em tela é um relato da experiência da interrelação do subprojeto “Práticas Corporais como Ações Humanas no Tempo e no Espaço” do Programa Residência Pedagógica, que tem por objetivo articular as práticas corporais em diálogo com o exposto na lei 11.645/08 com o conteúdo Lutas no componente curricular Educação Física da Escola Estadual de Ensino Fundamental Bento XV, anos iniciais, período letivo de 2023. Os referenciais teórico-metodológicos adotados foram a Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2011) e a abordagem Crítico-Superadora (Soares *et al.*, 1992). Por meio das aulas de Educação Física muitos alunos tiveram seus primeiros contatos com as Lutas, aprendendo a origem, contexto histórico, principais

1 Doutor em Educação (ICED-UFPA). Professor de Educação Física da rede de ensino do estado do Pará. É professor preceptor do Programa Residência Pedagógica (UFPA), [osvaldogaldino@yahoo.com.br](mailto:osvaldogaldino@yahoo.com.br)

2 Mestre em Educação (PPGED-UEPA). Docente da Faculdade de Educação Física (FEF/UFPA). Coordenadora do Subprojeto de Educação Física (UFPA), *Campus* Belém, [joselenefmota@gmail.com](mailto:joselenefmota@gmail.com)

3 Graduando em Licenciatura em Educação Física. Bolsista do Programa Residência Pedagógica (UFPA), *Campus* Belém, [eduardosantos160577@gmail.com](mailto:eduardosantos160577@gmail.com)

4 Graduando em Licenciatura em Educação Física. Mestre do saber Capoeira da Secretaria Municipal de Educação de Belém. Bolsista do Programa Residência Pedagógica (UFPA), *Campus* Belém, [jackson.dias@castanhal.ufpa.br](mailto:jackson.dias@castanhal.ufpa.br)

\* Subprojeto “Práticas Corporais como Ações Humanas no Tempo e no Espaço”.



regras e gesto técnico de cada uma. Concluimos que o trato com o objeto de conhecimento em questão potencializa o desenvolvimento humano, promovendo a reflexão crítica e emancipada ao valorizar as lutas de cultura africana, afro-brasileira e indígena.

**Palavras-chave:** Debate Étnicorracial; Ancestralidade; Matriz Africana e Indígena; Projeto Residência Pedagógica; Cultura Corporal.



## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compartilhar as experiências vivenciadas no trato com o ensino das Lutas, evidenciando os anos iniciais do ensino fundamental, período letivo de 2023, cujo conteúdo foi desenvolvido e sistematizado a partir dos referenciais teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica e da abordagem Crítico-Superadora, nas aulas do componente curricular Educação Física da E.E.E.F. Bento XV no âmbito do Programa Residência Pedagógica<sup>5</sup>, que tem por objetivo articular as práticas corporais no plano da cultura corporal em diálogo com o exposto na lei 11.645/08 (Brasil, 2008).

As lutas e seus diferentes aspectos são relevantes no trato com o conhecimento nas aulas de Educação Física, à medida que se configura como importante patrimônio cultural da humanidade. Desse modo, a literatura da área e documentos normativos – abordagem Crítico-Superadora e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sem negarmos à crítica aos limites quanto ao acesso às práticas corporais por todos níveis de ensino na educação básica – buscam reconhecer a importância do enfoque pedagógico nas Lutas no ambiente escolar (Mariante Neto; Cardoso; Vasques, 2024; Moura *et al.*, 2017).

Apesar disso, o ensino deste conteúdo enfrenta dificuldade na materialização pedagógica nas escolas e esta discussão tem sido referência em estudos, como os de Moura *et al.* (2021); Oliveira (2015); Santos e Brandão (2018).

Para Santos e Brandão (2018) os docentes de Educação Física da rede municipal de Belém-PA tratam pedagogicamente o conteúdo Lutas de três formas: i) modalidades específicas ensinadas pelos docentes; modalidades específicas ensinadas por especialistas/lutadores; iii) ensino global (princípios comuns das Lutas didatizados de forma lúdica). Desse modo, a falta de domínio didático-metodológicas para o ensino das Lutas é reflexo da forma como os professores tiveram contato com este conteúdo na formação universitária, revelando a deficiência e a necessidade de qualificá-la para refletir positivamente na atuação profissional.

Já para Moura *et al.* (2021) parte da dificuldade do pouco desenvolvimento do conteúdo Lutas no currículo escolar está a inexperiência prática dos professores e a falta de uma formação adequada. Sobre esse último, Oliveira (2015) ao pesquisar as Instituições de Ensino Superior (IES) nos municípios de Belém-PA e Ananindeua-PA constata que o trato pedagógico com as Lutas ainda carece de um suporte teórico mais consistente para que formem sujeitos críticos, para além dos aspectos meramente técnicos.



Entendemos que o conteúdo Lutas no plano da cultura corporal é de fundamental importância para elevação do pensamento dos alunos dos anos iniciais da educação básica, uma vez que é um período de formação das funções psicológicas. Portanto, selecionar e organizar o que devem aprender constitui “Uma das questões mais polêmicas e, ao mesmo tempo, mais importante para educação escolar [...]” (Duarte, 2016, p. 95)

Sobre isso, defendemos o trabalho educativo como ato de produzir, direta e intencionalmente a partir da singularidade e particularidade de cada indivíduo, sendo a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dessas singularidades que tornam acúmulo e que são repassados de uma geração para outra para que homens e mulheres se tornem humanos (Saviani, 2011).

O desenvolvimento desta pesquisa desdobrou-se em quatro seções, divididas em introdução, metodologia, resultados e discussão e considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

Adotamos, metodologicamente, a pesquisa-ação, a qual caracteriza-se por ser um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada com uma ação ou resolução de um problema, cujo pesquisadores e participantes da situação ou do problema estão envolvidos de maneira cooperativa ou participativa (Thiollent, 1997).

Assim, a ação foi desenvolvida pelo professor preceptor, a coordenadora do PRP e cinco residentes da Faculdade de Educação Física da UFPA em uma escola da rede estadual de ensino localizada em um bairro periférico – Guamá – do município de Belém-PA com turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Utilizamos dos referenciais teórico-metodológicos que são adotados para o desenvolvimento do subprojeto, os quais versam sobre os fundamentos e princípios da Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2011) e da abordagem Crítico-Superadora (Soares *et al.*, 1992), por entendermos que ambas apontam para aquisição de um pensamento crítico e emancipador da realidade concreta, o que na nossa avaliação qualifica o processo de ensino-aprendizagem, tanto no planejamento quanto na materialização das aulas.

Neste plano, organizamos os respectivos momentos pedagógicos:



- I. Primeiro momento: análise da realidade dos alunos, sondando o conhecimento prévio dos alunos a respeito das lutas, partindo do senso comum;
- II. Segundo momento: problematização da diferença de briga e luta, da necessidade de respeito ao espaço, às regras e ao corpo do adversário (colega), também de controle das emoções, das formas seguras de lutar ou impor-se fisicamente contra um oponente e das filosofias de vida que precedem as lutas, para que a compreensão de lutas como mero espaço de violência, mas como fenômeno humano que traz consigo aspectos históricos, culturais e sociais que demarcam o espaço-tempo de determinado grupo;
- III. Terceiro momento: instrumentalização, contextualização histórica das Lutas, aproximação das suas hipóteses de origem, suas principais regras e golpes, a vestimenta adequada, suas possíveis adaptações e as ocasiões em que cada luta é recorrente nas comunidades próprias. Nesse momento, pode-se desenvolver o conteúdo Lutas em uma perspectiva de que ela traz consigo as raízes e o cotidiano de seu povo de origem, onde e como ela acontece, bem como a relação das disputas tradicionais e institucionalizadas;
- IV. Quarto momento: catarse, síntese das atividades desenvolvidas, com um torneio de luta marajoara, mediado pelos professores e protagonizado pelos alunos;
- V. Quinto momento: prática social final, retomada do debate, a fim de identificar o que pôde-se alcançar com os alunos através das intervenções com as Lutas, os limites encontrados e as possibilidades de potencializar o processo de ensino aprendizagem.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a BNCC (Brasil, 2017) o conteúdo Lutas está presente a partir do 3º ao 5º ano do ensino fundamental I (sendo excluída do 1º e 2º ano) com a tematização dos objetos de conhecimento: “lutas no contexto comunitário e regional” e “lutas de matriz indígena e africana” (*Ibid.*, p. 225). O documento supracitado ainda descreve três habilidades (EF35EF13; EF35EF14; EF35EF15) relacionadas com os objetos de conhecimentos. Conforme o quadro abaixo.

**Quadro 01. Objeto de conhecimento e habilidades da unidade temática luta**

| Anos     | Objetos de conhecimento  | Habilidades   |
|----------|--|---|
| 3º ao 5º | <ul style="list-style-type: none"><li>- Lutas no contexto comunitário e regional</li><li>- Lutas de matriz indígena e africana</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>- Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígenas e africana.</li><li>- Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígenas e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança.</li><li>- Identificar as características das lutas no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígenas e africanas, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.</li></ul> |

Fonte: BNCC, 2017.

Temos acordo com Moura *et al.*, (2021) ao afirmar que a descrição das habilidades de Lutas é realizada de forma demasiadamente vaga. Assim, transgredindo o currículo prescrito e tendo como fundamento os princípios curriculares<sup>5</sup> da abordagem Crítico-Superadora, optamos em oportunizar aos alunos do 1º ao 2º a possibilidade de beneficiar-se com esta prática corporal, haja vista que tal princípio no trato com o conhecimento visa “[...] compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (*Ibid.*, p. 33).

De acordo com França *et al.* (2016) o ensino do conteúdo Lutas deve possibilitar a aprendizagem teórico-prática, tendo em vista a análise dos processos de gênese e desenvolvimento da luta que pressupõe o domínio de suas técnicas e classificações ao longo do tempo, bem como, de sua função social na sociedade atual.

Na organização do conhecimento para o ensino de Educação Física consubstanciada na abordagem Crítico-Superadora, tal proposta propõe que os conteúdos sejam desenvolvidos considerando os ciclos de escolarização<sup>6</sup>.

5 Soares *et al.* (1992) sugerem que os conhecimentos sejam organizados a partir dos seguintes princípios: 1. relevância social do conteúdo; 2. contemporaneidade do conteúdo; 3. adequação às possibilidades sócio cognoscitivas do aluno; 4. simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; 5. espiralidade da incorporação das referências do pensamento; e 6. provisoriidade do conhecimento.

6 O traço essencial do primeiro ciclo (mais ou menos até 6 anos) que é determinado pela atividades-guia de comunicação emocional direta, objetual-manipulatória e jogos de papéis sociais; no segundo ciclo (mais ou menos 6- 10 anos, 1º ao 5º anos iniciais do ensino fundamental) quando começa a sistematização do conhecimento, marcado pela atividade-guia de



Dito isto, a organização do trabalho pedagógico para intervenção nas aulas de Educação Física anos iniciais do ensino fundamental com enfoque no conteúdo Lutas, as quais convergissem para atender a Lei 11.645/08, ficou assim organizada e sistematizada, conforme quadro abaixo.

**Quadro 02.** Plano de ensino da componente curricular Educação Física EEEF Bento XV

| Eixo Estruturante                      | Sub-Eixo  | Objeto do Conhecimento   |
|--|---|--|
| Linguagens e suas formas comunicativas | <ul style="list-style-type: none"><li>- O diálogo nas diferentes formas de comunicação, expressão e manifestação corporal</li><li>- Práticas corporais nos diversos contextos sociais</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>- Jogos de Oposição (1º e 2º ano);</li><li>- Luta Marajoara (3º ano);</li><li>- Capoeira, Luta de Maracá ou Derruba Toco (4º ano);</li><li>- <i>Inkidene e Nguni</i> ou <i>Intonga</i> (5º ano).</li></ul> |

**Fonte:** Elaboração dos Autores, 2023.

Como falamos anteriormente o planejamento levou em consideração oportunizar a prática de Lutas para os alunos do 1º e 2º ano, uma vez que a BNCC (Brasil, 2017) exclui o conteúdo para os anos em questão. Tendo em vista o ciclo de escolarização e os princípios curriculares no trato com o conhecimento da abordagem Crítico-Superadora, os alunos do 1º e 2º ano estão próximo da atividade-guia “jogos de papéis sociais”.

Desse modo, tematizamos os jogos de oposição que nos permitiu aproximação com o conceito de Lutas adotado por Rufino (2014), o qual define sendo uma prática corporal com enfrentamento físico direto e de regras estipuladas, tendo importância histórica e social com objetivos voltados à oposição de ação entre os indivíduos, cujo foco está no corpo da outra pessoa e as ações são de caráter simultâneos e imprevisível.

Os jogos de oposição<sup>7</sup> têm como características a disputa um contra um ou grupo contra grupo, em que objetivo é se prevalecer sobre o outro.

---

estudo, uma vez que as características desse ciclo assenta-se na esfera intelectual-cognitiva; no terceiro ciclo, que corresponde do 6º ao 9º ano dos anos finais do ensino fundamental (mais ou menos 10-14 anos), a comunicação íntima pessoal é a atividade guia promotora do desenvolvimento; e por fim, o quarto ciclo, que corresponde aos três anos do ensino médio (mais ou menos 14-17 anos), onde haverá o processo de desenvolvimento e a sistematização lógica do conhecimento, cuja atividade guia é a atividade profissional/estudo (Melo; Lavoura; Taffarel, 2020).

7 Utilizamos precisamente o Mini Sumô, onde os alunos em cócaras e mãos dadas têm o objetivo de desequilibrar o seu opositor. Outro jogo de oposição foi a Luta de Saci, mesmo princípio da



Então, conceituar as Lutas, por meio desses jogos, foi relevante para chegarmos no próximo passo que foi caracterizá-la em categorias: “Esporte de Luta com agarre<sup>8</sup>”, “Esporte de Luta com golpes<sup>9</sup>” e “Esporte de Lutas com implemento<sup>10</sup>” (Espartero, 1999).

Para o 3º ano o conteúdo versou sobre a Luta Marajoara (LM). Tendo em vista que os alunos já estão propensos a sistematização do conhecimento e marcado pela atividade-guia de estudo, optamos em contextualizar historicamente a LM, aproximação das suas hipóteses de origem, suas principais regras e golpes.

A LM, também conhecida como agarrada marajoara; derrubada marajoara; ou até mesmo de lambuzada, é descrita por Campos e Antunes (2021) como um combate oriundo do estado do Pará, Brasil, típico do arquipélago do Marajó e manifestado em diversos municípios da região<sup>11</sup>. A luta acontece em terrenos de areia ou argila, em espaço previamente demarcado para este fim (geralmente um círculo). O objetivo da competição é desequilibrar o adversário e derrubá-lo de costas no chão; quando isso acontece (sujar a costa do adversário de areia) é considerado ponto (Campos, Pinheiro e Gouveia, 2019).

Nas intervenções materializadas pôde-se notar, através das falas dos alunos, que apesar de já terem vivenciado alguma modalidade de Luta, eles não conheciam a LM. E na catarse, foi possível perceber que muitos, a princípio, nunca tinham ouvido falar sobre Lutas e nas aulas de Educação Física, eles estavam tendo o primeiro contato, dados constatados nas respostas de perguntas avaliativas e na avaliação por escrito, onde identificamos que os conhecimentos dos alunos foram aumentando e já conseguiam identificar as principais regras da LM, onde e como ela ocorre e suas particularidades.

Para os alunos do 4º ano as Lutas foram: Capoeira e Luta do Maracá ou Derruba Toco. A capoeira foi vivenciada de forma lúdica por meio da sua musicalização, jogos e brincadeiras e reinterpretando seus movimentos para

---

anterior, porém aqui os alunos ficam de pé equilibrados em uma de suas pernas. Nesta aula discutimos a segurança, limite do próprio corpo e o respeito ao corpo do outro colega.

- 8 Representa objetivos comum entre as modalidades que pode ser: derrubada, projeção e o controle no solo (Espartero, 1999).
- 9 São lutas em que a pontuação se dá com toque no adversário, esse devendo ser com punhos, pernas, mãos, mãos e pernas conjuntamente.
- 10 O objetivo é tocar o adversário com um implemento, como a espada, por exemplo (Espartero, 1999).
- 11 Soure, Salvaterra, Ponta de Pedras, Breves e Cachoeira do Arari.





o seu contexto infantil e mais próximo de suas vivências. Foi abordada em sua historicidade, estilos, representantes, graduações, hierarquias, diferenciação das rodas desses estilos, tudo isso por meio de roda de conversas e vídeos para melhor compreensão.

Na finalização das aulas havia a roda de capoeira, momento em que os alunos expressavam livremente sua interpretação dos movimentos apreendidos, dessa forma, a roda era o momento mais descontraído e de bastante improviso onde as crianças eram livres para brincar.

Já a Luta de Maracá ou Derruba Toco é de origem indígena e recebe dois nomes justamente por ser praticada por etnias diferentes, assim a Luta de Maracá é praticada pelos Tupinambás, enquanto a de Derruba Toco é praticada pelos Pataxós. Os alunos apreenderam que essa luta é realizada em rituais de casamento, a qual compõe parte da cerimônia.

Foi apresentado o objetivo da luta, regras e o espaço onde aconteceria. Nessa luta, há disputa entre dois lutadores, que tentam derrubar um toco (colocamos no centro do tatame uma garra de água dos próprios alunos) usando parte do corpo do adversário.

Os estudantes do 5º ano tiveram contato com as Lutas *lkindene* e *Nguni* ou *Intonga*. No que diz respeito ao *lkindene*, é comumente chamada de “*Huka Huka*”, contudo adotamos a nomenclatura *lkindene* utilizada por Pereira (2021).

Ao tratar desta luta, procuramos pontos importantes para compreensão do *lkindene* como prática corporal que afirma a identidade dos povos que habitam a região amazônica, dentre estes pontos, temos: i. o contexto em que o fenômeno acontece, sendo durante o *Egitsü*, um ritual funerário que inicia pelos campeões de cada tribo e em seguida é vivenciada pelos mais jovens; ii. na vitória, que era definida somente pelo tocar das costas do adversário no chão.

O *Nguni* ou *Intonga* é uma luta de origem africana com implemento, cujos oponentes enfrentam-se com bastões e escudos. Para chegar na luta em si, os estudantes experimentaram possibilidades de gestos corporais na manipulação de objetos como giros, arremessos, torções e equilíbrios. Logo depois, foi realizada algumas disputas com bastões que se aproximassem da luta do *Nguni* ou *Intonga* até a materialização da luta africana.

A tematização do conteúdo Lutas, tendo o arcabouço teórico da PHC e da abordagem Crítico-Superadora, nas aulas da componente curricular Educação Física possibilitou aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental conhecer, valorizar, aprender gestos das lutas de diversas culturas



observando semelhanças e diferenças entre elas. Dessa forma, materializa-se no currículo escolar o prescrito na lei 11.645/08 ao não invisibilizar a história das práticas corporais africana, afro-brasileira e indígena e ressaltar a luta dos negros e dos povos originários.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas experiências, destacamos que relacionar o conteúdo Lutas com o debate étnicorracial é importante por colocar em protagonismo a cultura e a ancestralidade Africana, Afro-brasileira e Indígena, sendo um saber valioso para a Educação Física.

Enfatizamos que este trato com o objeto de conhecimento para além de estimular o desenvolvimento físico e motor, promove a reflexão crítica dos alunos, sobre os conhecimentos historicamente transmitidos pelos povos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas, seu modo de ser, estar e ver o mundo.

Vale ressaltar que articular as práticas corporais para a implementação da lei 11.645/08 enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pois torna-se potencializador do combate ao racismo, ao eurocentrismo e aos estigmas que permeiam essas culturas. Defendemos que a educação deva ser humanizadora, acreditamos que somente ela é capaz de tornar o um mundo melhor, onde o respeito a diversidade prevaleça.

## 5 AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que nos proporcionou experiências exitosas e ricas em aprendizado por meio do Programa Residência Pedagógica.

À Linha de Estudos de Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL) por nos desafiar em afirmar a necessidade de uma educação antirracista nas aulas de Educação Física.

À Secretaria de Educação do Pará (SEDUC) e a Universidade Federal do Pará, em nome da Escola de Ensino Fundamental Bento XV, por fecharem a parceria entre Universidade-Escola consolidando assim a função social de ambas instituições formadoras.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: ensino fundamental**. Brasília, 2017.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 de mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC/CAPES. **Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. 2010.

CAMPOS, I. S. L. ANTUNES, M. M. Luta marajoara: diálogo com esporte, saúde e educação. **Cenas Educacionais**, v. 4, n.e11870, p.1-17, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11870>

CAMPOS, I. S. L.; PINHEIRO, C.J.B; GOUVEIA, A. Modelagem do comportamento técnico da Luta Marajoara: do desempenho ao educacional. **R. bras. Ci. e Mov.**, v. 27, n. 2, p. 209-217, 2009. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/08/1009680/modelagem-do-comportamento-tecnico-da-luta.pdf>

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas: Autores Associados, 2016.

ESPARTERO, J. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha In: VILLAMÓN, M. (Org.). **Introducción al judo**. Barcelona: Hispano Europea, 1999.

FRANÇA, N. F *et al.* A pedagogia histórico-crítica e as possibilidades de ensino do conteúdo lutas na educação física. In: Congresso da Pedagogia Histórico-Crítica: educação e desenvolvimento humano, **Anais [...]**, Bauru. 2016. Disponível em: <https://sgcd.fc.unesp>.



[br/#!/phcbauru2015/anais-do-congresso-pedagogia-historico-critica-educacao-e-desenvolvimento-humano/](https://phcbauru2015/anais-do-congresso-pedagogia-historico-critica-educacao-e-desenvolvimento-humano/)

MARIANTE NETO, F. P.; CARDOSO, N. M. N.; VASQUES, D. G. Lutas e educação física escolar: tendências e regionalidades na produção acadêmica. In: MARIANTE NETO, F. P.; VASQUES, D. G. (Org.). **Lutas nas escolas: reflexões e possibilidades metodológicas**. Porto Alegre: GESOE, 2024. p. 16-37.

MELO, F. D. A.; LAVOURA, T. N.; TAFFAREL, C. N. Z. Ciclos de escolarização e sistematização lógica do conhecimento no ensino crítico-superador da educação física: contribuições da teoria da atividade. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 10, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2338>

MOURA, D. L. *et al.* As lutas na educação física escolar: uma análise sobre a BNCC. In: ANTUNES, M. M.; MOURA, D. L. (Org.). **Dialogando com as lutas, artes marciais e esportes de combate**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-133.

MOURA, D. L. *et al.* **Dialogando sobre o ensino da educação física: lutas na escola**. Curitiba: CRV, 2017.

OLIVEIRA, G. S. **Organização do trabalho pedagógico do conteúdo lutas na formação de professores de educação física nos municípios de Belém e Ananindeua**. 2015. 101 f. Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade Federal do Pará (UFPA), 2015.

PEREIRA, A. S. M. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na educação física escolar**. Fortaleza: Aliás, 2021.

RUFINO, L. G. B. Lutas. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá: Eduem, 2014. p. 29-68.

SANTOS, M. A R.; BRANDÃO, P. P. S. Lutas e formação de professores de educação física: reflexões na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém-PA. **Caderno de Educação Física e Esportes**,



v. 16, n. 1, p. 79-87, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/18840>

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997